

TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM CONCEITUAL: CONCEPÇÕES DE LITERALIDADE E METAFORICIDADE¹

Dieysa Kanyela Fossile²

RESUMO: Este artigo pretende apresentar a análise de metáforas a partir da Teoria dos Espaços Mentais (cf. Fauconnier, 1994) e da Mesclagem Conceitual (cf. Fauconnier e Turner, 1994), tentando oferecer uma possibilidade à compreensão de aspectos que dizem respeito à literalidade e à metaforicidade. Os resultados da pesquisa demonstraram que ao se interpretar uma expressão metafórica não comum em situações comunicativas acionam-se conceitos de domínios cognitivos com caráter literal e metafórico, os quais podem se mesclar. Já as ocorrências metafóricas bem comuns em situações comunicativas, aquelas social e culturalmente convencionalizadas, não são entendidas como metafóricas, mas como não metafóricas, pois as analogias freqüentes contribuem para que tal fato ocorra. Os resultados alcançados sugerem que a proposta sustentada pela Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual é também adotada pelas Teorias do Alinhamento Estrutural (cf. Gentner e Clement, 1988) e da Referência Dual (cf. Glucksberg, 2001).

Palavras-chave: Interpretação. Literalidade. Metaforicidade.

INTRODUÇÃO

Vários estudos sobre a **metáfora** são apresentados ao longo da história da Semântica, da Filosofia e da Psicologia, o que traz à tona diferentes posturas metodológicas ao lidar com a explicação sobre o uso metafórico.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina: Metáforas do curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, ministrada pelo professor Doutor Heronides Moura, a quem agradeço imensamente pelas orientações. A fonte de inspiração principal para a elaboração deste artigo foi o texto do professor Dr. Herberth Paulo de Souza, intitulado: “Metáfora X Não-Metáfora: alguns aspectos sobre a fronteira entre o sentido literal e figurado na linguagem”, a quem também agradeço por gentilmente me fornecer o texto: *Conceptual Projection and Middle Spaces* (1994) de Gilles Fauconnier e Mark Turner.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: dieysa@ibest.com.br.

Como aporte teórico à pesquisa, destacaram-se autores como: Black (1962, 1992, 1993); Davidson (1992); Fauconnier (1994); Gentner e Clement (1983); Gibbs (1994); Glucksberg (2001); Lakoff e Johnson (1980, 2002); Moura (2002, 2005, 2007); Salomão (2005) e Souza (2003).

A trajetória das leituras que contribuíram para delimitar o tema deste artigo iniciou-se com a visão de Gibbs (1994) sobre literalidade e metaforicidade, e subseqüentemente, com as posições de Lakoff e Johnson (1980, 2002); Black (1962, 1992, 1993); Moura (2002, 2005, 2007) e Davidson (1992). Os quatro primeiros são a favor da metaforicidade, enquanto Davidson a rejeita.

Neste trabalho, defende-se que ao se interpretar uma expressão metafórica não freqüente em situações comunicativas acionam-se interpretações que envolvem tanto aspectos literais quanto metafóricos. Já a expressão metafórica social e culturalmente convencionalizada, aquela correntemente utilizada nas situações comunicativas, é entendida como não metafórica, por causa das freqüentes e costumeiras analogias.

Dessa maneira, nesta proposta, apresenta-se a análise de seis sentenças metafóricas. As três primeiras ocorrências são exemplos não comuns nas situações comunicativas, e as outras três, casos bem correntes. Os exemplos foram retirados de alguns *sites* da *web* (metodologia já utilizada e testada na literatura, cf. FELLBAUM, 2005) e do jornal *A Notícia*. A análise foi realizada com base na Teoria dos Espaços Mentais (cf. Fauconnier, 1994) e da Mesclagem Conceitual (cf. Fauconnier e Turner, 1994), pois sustenta-se que essas teorias podem oferecer uma possibilidade para que se possa compreender o acionamento dos sentidos literais e metafóricos na interpretação de metáforas **comuns** (ou também chamadas de metáforas usuais, ou também denominadas metáforas freqüentes, ou ainda conhecidas como metáforas corriqueiras) e **não comuns** (ou também denominadas metáforas não usuais, ou chamadas de metáforas não freqüentes, ou conhecidas como metáforas não corriqueiras) nas situações comunicativas. As metáforas comuns são aquelas utilizadas com freqüência em situações comunicativas; são aquelas bem conhecidas pelos falantes/usuários e, por isso, são facilmente compreendidas; são aquelas social e culturalmente convencionalizadas; são convenções lingüísticas estabelecidas nas práticas lingüísticas e o usuário está acostumado com as analogias desse tipo de metáforas. Já as metáforas não comuns são aquelas utilizadas com pouca freqüência em situações comunicativas; são aquelas não tão conhecidas pelos falantes/usuários e, por isso, não são facilmente compreendidas; exigindo um esforço maior do falante/usuário para serem compreendidas; são convenções lingüísticas não plenamente estabelecidas nas práticas lingüísticas e o usuário não está acostumado com as analogias desse tipo de metáforas.

Dessa forma, o objetivo central deste artigo é discutir que na interpretação de uma metáfora o pensamento pode ativar e mesclar conceitos que podem envolver aspectos de literalidade e de metaforicidade, que são traduzidos e representados

por meio da linguagem. Tenta-se também responder à seguinte questão: Ao se interpretar uma expressão metafórica são ativados aspectos literais ou metafóricos ou ambos os aspectos: literais e metafóricos? Para dar conta desse objetivo e alcançar uma resposta viável ao questionamento apresentado, este texto foi organizado em mais três seções.

A seção 1, inicialmente, esboça um panorama sobre concepções de literalidade e metaforicidade. Alguns autores são a favor da metaforicidade, tal como, Gibbs, Lakoff e Johnson, seguidores da Teoria Cognitivista; Black, Kittay e Moura, da Teoria Interacionista. Já Davidson que segue uma perspectiva mais pragmaticista é completamente contrário à posição desses autores. Ele rejeita a metaforicidade, defendendo que a metáfora significa o que as palavras em uma interpretação mais literal significam.

Na seção 2, a Teoria dos Espaços Mentais e a Teoria da Mesclagem Conceitual são apresentadas e tentam abordar que na interpretação de uma metáfora os sentidos literais e metafóricos são mesclados e ativados. Nesta seção, ressalta-se também que se optará e empregará a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual para análise de metáforas, e são aduzidas duas hipóteses de pesquisa.

Na seção 3, faz-se a análise dos dados da pesquisa e discutem-se os principais resultados obtidos. Por fim, tem-se a conclusão, em que são retomadas as principais questões debatidas neste artigo.

1 CONCEPÇÕES DE LITERALIDADE E METAFORICIDADE

Gibbs (1994, pp. 17-79), assim como Lakoff (1980, 2002), tenta mostrar que os seres humanos normalmente não pensam literalmente, mas figurativamente. Ele discute no primeiro capítulo do seu livro “The poetics of mind” a hipótese cognitiva da linguagem figurativa. Questiona a distinção entre significado literal e figurativo.

No segundo capítulo, Gibbs (1994, p. 24-79) tenta mostrar que nem sempre é válida a visão idealizada que se tem sobre o sentido literal. Tenta esclarecer que nem sempre o sentido literal é exato, específico e identificado com facilidade no pensamento e na linguagem. Ele ressalta que o próprio termo *literalmente* é polissêmico, podendo expressar vários sentidos. Tenta ratificar essa posição a partir das seguintes frases:

- (1) “Every word of this is literally as the man spoke it”³. (p. 25)
- (2) “We had literally one minute to catch the twelve o’clock train”⁴. (p. 25)
- (3) “With his eyes, he literally scoured the corners of the room”⁵. (p. 25)

³ Cada uma dessas palavras retrata literalmente o que o homem falou.

⁴ Nós temos literalmente um minuto para pegarmos o trem do meio-dia ou (das doze horas).

⁵ De relance, ele literalmente varreu os cantos da sala.

(4) “*When we got home, I literally died of exhaustion*”⁶. (p. 25)

(5) “*During the Super Bowl, our eyes were literally glued to the television*”⁷ (p. 25).

Gibbs (p. 25) objetiva, por meio desses exemplos, mostrar que em algumas frases o sentido da palavra *literalmente* expressa fielmente a idéia exata, em outras frases a palavra *literalmente* expressa a idéia de que a proposição mencionada deveria ser compreendida do modo mais forte possível (como hipérbole, não literalmente).

O autor explica que a visão tradicional de que a mente tem determinados conceitos e determinadas categorias leva à suposição de que o sentido das palavras e das sentenças pode ser objetivamente definido em termos de sentidos literais. Argumenta que parte das teorias lingüísticas supõe que os sentidos literais das palavras e sentenças podem ser precisamente estabelecidos e que o sentido literal serve como base para que se possa interpretar uma expressão metafórica. Mas, ao se pensar dessa maneira, de acordo com o autor, está-se entendendo que os sentidos figurativos atuam como parasitas. Ele tenta mostrar, inclusive, que nem o dicionário consegue definir e nem mesmo buscar/identificar com exatidão o sentido literal das palavras ou conceitos.

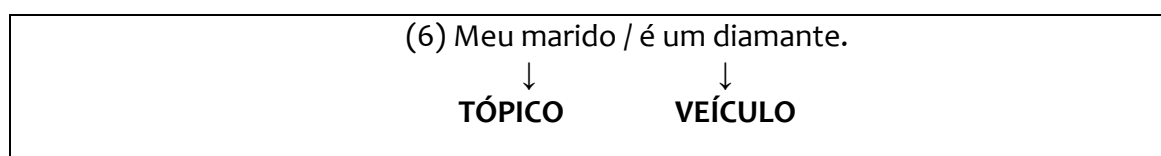
Gibbs (1994, p. 75) aborda que nas ciências cognitivas há, pelo menos, cinco tipos de literalidade que estão implícitos na discussão do sentido figurado:

- (a) **Literalidade convencional:** é aquela em que o uso literal é contrastado com o uso poético, o exagero, o embelezamento, o discurso indireto, etc.
- (b) **Literalidade com base no assunto:** é aquela que em determinadas expressões são empregadas para falar sobre um tópico específico.
- (c) **Literalidade não-metafórica:** ocorre quando o sentido de uma palavra (ou conceito) nunca é compreendido em termos de outra palavra (ou conceito).
- (d) **Literalidade baseada nas condições de verdade:** esse caso de literalidade acontece quando a linguagem é capaz de fazer referência de maneira objetiva a objetos (ou conceitos) existentes, podendo ser analisada como verdadeira ou falsa.
- (e) **Literalidade independente de contexto:** ocorre quando o sentido literal de uma expressão é independente de qualquer situação comunicativa.

⁶ Quando nós chegamos em casa, eu literalmente morri de exaustão.

⁷ Durante a copa, nossos olhos estavam literalmente grudados na televisão.

Como abordado no início desta seção, tanto Gibbs como Lakoff sustentam que as metáforas funcionam no nível do pensamento. Lakoff, juntamente com Johnson (1980, 2002), defende que o pensamento é metaforicamente estruturado, que tanto a linguagem cotidiana quanto a científica são metafóricas, e que a metáfora conceptual é independente da estrutura do léxico. A Teoria Interacionista (BLACK, 1962, 1992, 1993; GLUCKSBERG, 2001; KITTAY, 1987; LEEZENBERG, 2001; MOURA, 2002, 2005, 2007) também é favorável à existência da metaforicidade ou sentidos metafóricos. Defende que a interpretação de uma sentença metafórica está ligada à interação de dois elementos que formam a metáfora: o tópico e o veículo. No exemplo (6), é possível identificar esses elementos:



Quadro (1) – Exemplo demonstrando as duas partes de uma metáfora: “tópico” e “veículo”.

Numa metáfora, o tópico é o elemento ou a entidade da qual se fala; já o veículo é a entidade que predica algo sobre o tópico. A Teoria Interacionista tenta capturar na própria linguagem os recursos e as regras que permitem a criação de metáforas. Essa visão teórica sugere que uma metáfora gera e não apenas revela similaridades, como também, apresenta *insights* cognitivos e cria novas significações. Embora existam algumas posições que são contra essas afirmações, essa teoria sustenta que uma percepção nova surge da metáfora, ou seja, a junção de elementos diferentes contribui para o aparecimento de um novo termo/elemento. Por exemplo:

(7) Meu pai é um cd pirata.

Na ocorrência metafórica (7), a junção dos dois elementos [(pai) + (cd pirata)] faz surgir um terceiro elemento: falsidade. Diante dessa questão, a visão interacionista de Black (1962, 1992, 1993) sustenta que a metáfora cria algo novo com *status* cognitivo e a visão de Moura (2007), por sua vez, propõe que o novo (carga cognitiva da metáfora) é buscado no velho (rede conceptual da linguagem). Nesse caso, de acordo com a perspectiva interacionista, a **metáfora** gera alguma percepção nova que tem *status* cognitivo, a partir da rede conceptual da linguagem, ou seja, a partir do agrupamento, da combinação de categorias de palavras que a linguagem permite realizar.

Já Donald Davidson (1992) posiciona-se totalmente contrário à visão dos teóricos, acima apresentada. A tese por ele defendida é que “as metáforas significam aquilo que as palavras, em sua interpretação mais literal significam, e nada mais do que isso” (p. 35). Ele afirmou que há um erro fundamental contra o

qual se deve lutar, nesse caso, esse erro seria a “idéia de que a metáfora tem, além do seu sentido ou significado literal, um outro sentido ou significado” (p. 35). Davidson foi ainda mais longe, e declarou:

o conceito de metáfora, como, primariamente, um veículo para transmitir idéias, mesmo se inusitadas, parece-me tão errada quanto a idéia matriz de que a metáfora tenha um significado especial [...]. Concordo com a opinião de que as metáforas não podem ser parafraseadas, mas acredito que isso não seja em razão de as metáforas dizerem algo novo demais para ser expressado literalmente, mas sim por não existir nada a ser parafraseado. A paráfrase, quer seja possível ou não, é apropriada para o que é *dito*; tentamos, na paráfrase, dizê-lo de outra maneira. Mas, se estou certo, a metáfora não diz nada além do significado literal (nem seu criador diz coisa alguma, ao usar a metáfora, além do literal). Isso, é claro, não significa negar que a metáfora tem um objetivo, nem que esse objetivo não pode ser posto em relevo pela utilização de palavras adicionais (p. 36).

Ele enfatizou: “o que distingue uma metáfora não é o significado, mas sim o uso – e nisso ela é como uma asserção, sugerindo, mentindo, prometendo ou criticando” (p. 47). Com o desenvolvimento dos estudos de Searle (1993) e Grice (1989), entre outros, as atenções relacionadas à metáfora começaram a se voltar para o aspecto pragmático da linguagem. Assim, a metáfora foi sujeita a abordagens pragmáticas. Dentre os estudiosos da pragmática, Searle (1993) apontou que as teorias da interação semântica apresentam problemas com relação à distinção entre significado do falante e significado da sentença. Na concepção interacionista, o significado metafórico de uma expressão é dado pela interação ou oposição verbal entre as palavras que a compõem. Searle critica a concepção interacionista, porque sustenta que o significado de uma palavra ou uma sentença não pode ser metafórico, mas defende que significados e intenções do falante podem ser considerados metafóricos.

Como é possível verificar, a Teoria Cognitivista, mais precisamente, a visão de Gibbs, Lakoff e Johnson; e a Teoria Interacionista, de acordo com a versão de Black e Moura, defendem a existência da metaforicidade, isto é, do sentido metafórico. Já a visão Davidsoniana, de caráter mais pragmático, não é a favor da metaforicidade e sim da literalidade na metáfora. Davidson, assim como Searle, também sustenta que o significado de um vocábulo ou de uma frase não pode ser considerado metafórico, porém advoga que apenas significados e intenções de um falante podem ser entendidos como metafóricos.

Desta maneira, percebe-se que muitas conclusões sobre a interpretação da metáfora e sobre os aspectos de literalidade e metaforicidade já foram alcançados, porém ainda existem algumas contradições. É pensando nesse assunto: “literalidade e metaforicidade” que se optou desenvolver uma análise de metáforas

no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais (cf. Fauconnier 1994) e da Mesclagem Conceitual (cf. Fauconnier e Turner, 1994). Você deve estar se perguntando: Por que desenvolver uma análise a partir dessas teorias? E como resposta, a princípio, dir-se-á que a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual pode ser uma maneira, uma possibilidade, por meio da qual se pode tentar realçar que na interpretação de uma metáfora o pensamento ativa e combina/mescla conceitos que podem envolver tanto aspectos literais quanto metafóricos. Por isso, optou-se por essas teorias. Pois, neste artigo, sustenta-se que na interpretação de uma metáfora esses dois aspectos podem estar envolvidos.

2 TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM CONCEITUAL

Fauconnier (1994) sustenta que os espaços mentais podem ser entendidos como domínios cognitivos que são de natureza semântico-pragmática. Segundo Souza (2003), esses domínios cognitivos que se configuram no processamento discursivo são

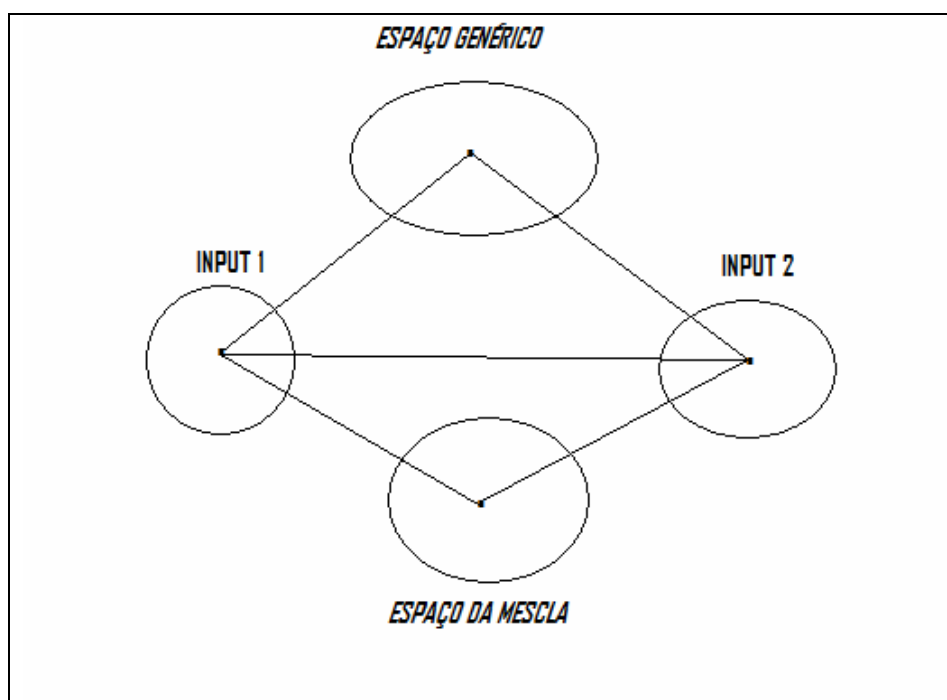
ativados por certas expressões lingüísticas e por alguns mecanismos de reconhecimento de elementos em diferentes campos (psicológico, cultural, histórico, ficcional, etc). Numa prática comunicativa qualquer ativamos vários espaços mentais e inter-relacionamos elementos de vários desses espaços, não só numa relação biunívoca, mas estabelecendo uma rede de projeções tal que a linguagem se configura como um complexo emaranhado de elementos, domínios e projeções (p. 5).

Salomão (2005), por sua vez, aborda que

A teoria dos espaços mentais focaliza a dimensão cognitiva do desdobramento do discurso em planos epistêmicos; as relações referenciais realizam-se nestes domínios, por natureza temporários, que constituem ferramentas do processamento discursivo: os “espaços mentais”. Diferentemente de noções comparáveis (como a de “universos possíveis”), os espaços mentais são internamente especificados por herança, seja de bases de conhecimento estabilizado (modelos culturais, *scripts*, esquemas conceptuais), seja de outros espaços mentais previamente originados. Sendo assim, sua especificação é sempre parcial, atendendo exclusivamente às necessidades comunicativas de enquadramento ou de especificação. Tais condições fazem da teoria dos espaços mentais um instrumento adequadamente poderoso para explicar a dinâmica da interpretação em tempo real (p. 155).

A Teoria dos Espaços Mentais tenta expor que a linguagem dos homens é analógica. Isto é, que os seres humanos realizam analogias “entre elementos de diferentes espaços mentais o tempo todo, sendo tais o fundamento do nosso raciocínio em várias situações, desde a comunicação corriqueira mais elementar até elucubrações de caráter filosófico, metafísico ou metalingüístico” (SOUZA, 2003, p. 6). Essa teoria surgiu com as idéias de Fauconnier e Turner (1994), as quais de acordo com Souza (2003, p. 6) se

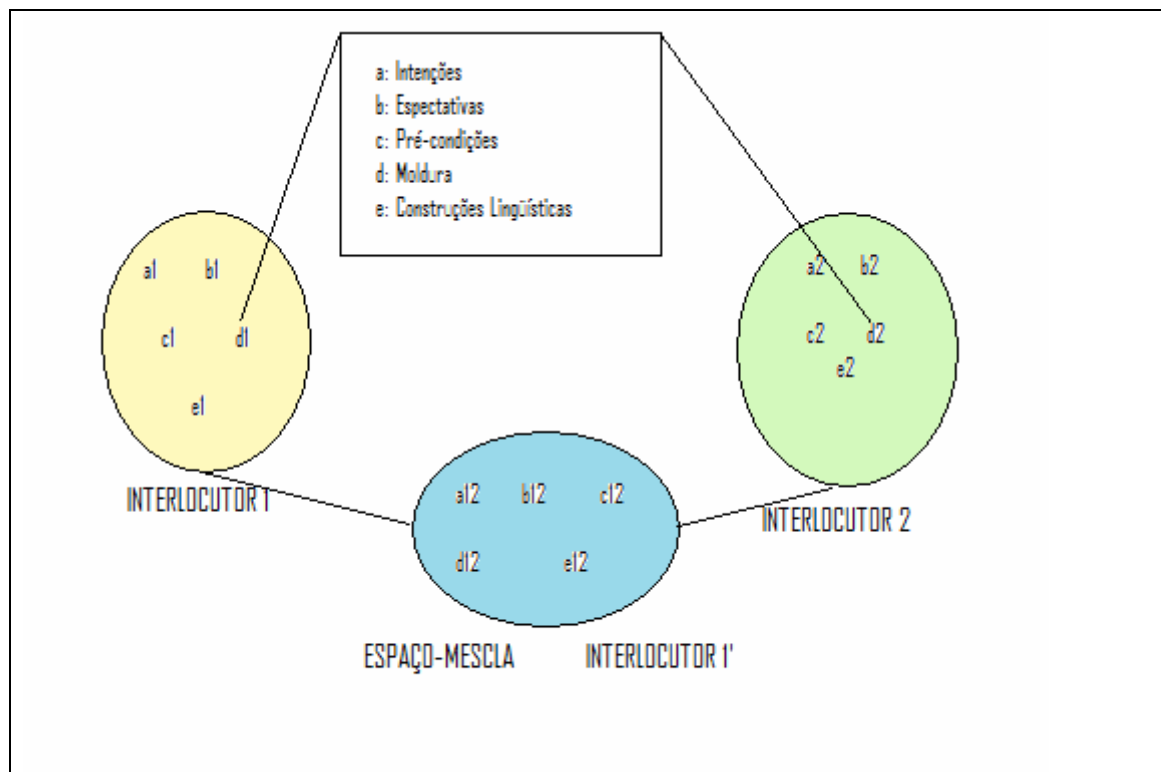
resumem num conjunto de combinação de modelos cognitivos numa cadeia de espaços mentais, chamada de *mesclagem conceitual*⁸. Essa cadeia de integração conceitual consiste na estruturação de dois ou mais espaços *input* a partir de um espaço genérico e num espaço da mescla, o qual encerra elementos dos espaços *input*. Essa teoria explica como é possível que elementos pertencentes a um certo domínio se sobreponham a elementos de outro, produzindo uma imagem seletivamente elaborada que encerra informações de ambos os domínios e que faz emergir significados a partir dessa confluência de espaços, não necessariamente presentes em ambos os *inputs*.



Quadro (2) – Representação da mesclagem conceitual.

⁸ “São processos cognitivos, identificados e postulados no seio da teoria dos espaços mentais. Tratam das relações projetivas entre vários domínios conceptuais, que levam à emergência de um novo domínio (o domínio-mescla)” (SALOMÃO, 2005, p. 159).

Já Salomão (2005, p. 164) apresenta a Teoria de Fauconnier e Turner sobre a mesclagem conceitual formatada assim:



Quadro (3) – Teoria de Fauconnier e Turner (Mesclagem conceitual).

Dessa maneira, com base nas abordagens de Salomão (2005) e Souza (2003) sobre a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual (cf. Fauconnier, 1994; Fauconnier e Turner, 1994), verificou-se que são fenômenos ligados à linguagem e ao pensamento: *as analogias, as metáforas, as combinações de conceitos, algumas construções gramaticais*, que podem ser descritos por meio das teorias: “Espaços Mentais e Mesclagem Conceitual”.

2.1 Metodologia

Esta seção foi subdividida em duas seções. Na primeira, apresentam-se as hipóteses de investigação. Em seguida, explica-se como será desenvolvida a análise de dados.

2.2 Hipóteses

Durante a análise, ter-se-á como meta verificar se as hipóteses de investigação são válidas, isto é, se é possível sugerir que,

(a) algumas expressões metafóricas passam a ser entendidas como não mais metafóricas, pelo fato de serem expressões muito usuais em situações discursivas, e pelo fato do interpretante estar habituado com as analogias freqüentes;

(b) tanto o sentido literal quanto o metafórico são acessados e combinados/mesclados ao se interpretar metáforas não correntes nas situações discursivas.

2.3 Empregando A Perspectiva Dos Espaços Mentais E Da Mesclagem Conceitual

Por meio deste artigo, a partir da Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual, tentar-se-á mostrar que na interpretação de uma metáfora o pensamento ativa e mescla conceitos que podem envolver aspectos de literalidade e metaforicidade. Algumas sentenças lingüísticas de caráter metafórico, que serão analisadas de acordo com as teorias adotadas, foram retiradas de alguns *sítes* da *web*, por meio do buscador *Google* (metodologia já utilizada e testada na literatura, cf. FELLBAUM, 2005), e de reportagens do jornal “A Notícia”, pois sustenta-se, tal como já mencionado, que essas teorias podem oferecer uma possibilidade para que se possa compreender o acionamento dos sentidos literais e metafóricos na interpretação de metáforas comuns e não comuns (sobre metáforas comuns e não comuns verificar introdução deste trabalho) nas situações comunicativas.

3 ANÁLISE DE DADOS

Para dar conta da análise, esta seção subdivide-se em mais três seções. Na primeira, analisam-se e descrevem-se dados, de acordo com a metodologia adotada. Na segunda, discutem-se os principais resultados obtidos. Na terceira seção, apresenta-se uma alternativa em que os resultados alcançados sugerem que a idéia central da Teoria dos Espaços Mentais (cf. Fauconnier, 1994) e da Mesclagem Conceitual (cf. Facounnier e Turner, 1994) é também proposta pelas Teorias do Alinhamento Estrutural (Gentner e Clement, 1983) e da Referência Dual (Glucksberg, 2001). Isto é, tenta-se mostrar que essas teorias defendem que há uma analogia entre conceitos e uma correspondência entre sentidos literais e metafóricos ao se interpretar uma metáfora.

3.1 Analisando Metáforas sob a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual

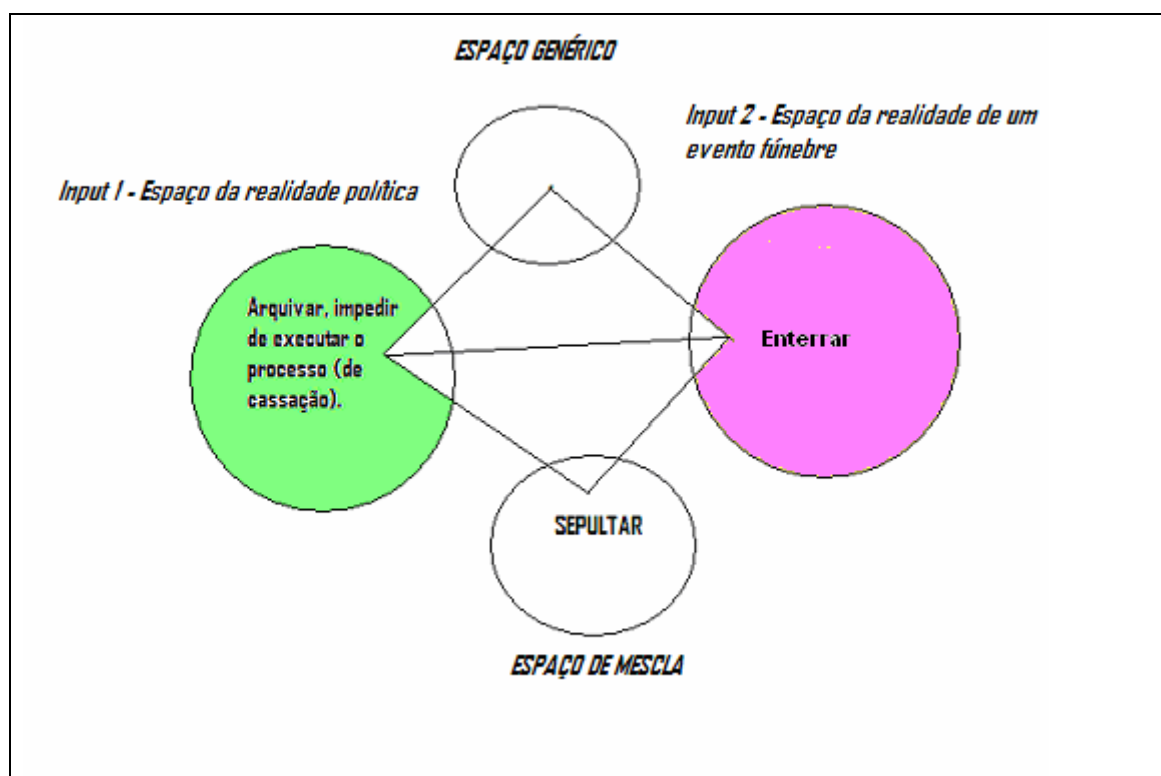
O trecho de caráter metafórico, abaixo apresentado, foi retirado de uma reportagem do jornal “A Notícia” do dia 23 de março de 2008:

(8) Depois de usar uma falha no pedido de cassação para adiar o julgamento, a defesa do governador Luiz Henrique da Silveira (PMDB) pretende utilizar outro erro da acusação para tentar *sepultar* o processo.

Neste exemplo metafórico, de acordo com as teorias adotadas para análise, são gerados mapeamentos de elementos entre dois espaços mentais discerníveis:

- um relacionado ao impedimento da implementação (execução) do processo contra Luiz Henrique;
- o outro relacionado ao enterro de algo ou alguém.

Com base em Souza (2003), realizando uma análise da sentença (8), levando em conta a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual, é possível determinar a seguinte relação analógica:



Quadro (4) – Representação da mesclagem conceitual do exemplo metafórico (8).

A informação geral relacionada tanto ao elemento do espaço *input* (1) quanto ao elemento do espaço *input* (2) localiza-se no espaço genérico e de mescla. No

caso do elemento em análise, “sepultar”, é possível sugerir uma idéia geral: *uma ação ou acontecimento que dará fim a algo ou alguém*. Essa idéia está ligada a *frames* e *esquemas definidos*. Com base em Palmer ⁹ (1996), Souza (2003, p. 9) discute que “esquemas são padrões conceituais ou imagens abstratas que subjazem à palavra, enquanto *frames* – numa concepção que coincide com o ponto de vista de Beaugrande e Dressler – são padrões globais que contêm conhecimento do senso comum sobre algum conceito central” (como a idéia que se tem sobre *uma ação ou acontecimento que dará fim a algo ou alguém*, por exemplo, a imagem do ser que teve um fim, a imagem do que provocou o fim de algo/alguém, motivos que causaram o fim de algo/alguém, etc).

O grau de entrincheiramento¹⁰ que uma expressão apresenta em uma situação discursiva é a que pode contribuir para determinar se uma dada expressão apresenta característica literal ou metafórica. Por exemplo, a expressão que se está analisando, “sepultar”, pode ser classificada como metafórica no domínio da cassação de mandato (realidade política), pois “sepultar” não é uma expressão usual e corriqueira nos *frames* que são ativados dentro desse domínio cognitivo. Porém, no domínio cognitivo da ocorrência de um evento fúnebre, essa mesma expressão, “sepultar”, é entendida no sentido literal, já que “sepultar” está mais perto da realidade das pessoas que convivem ou conviveram com a experiência de acompanhar um evento fúnebre que a realidade dos políticos que podem viver a experiência do impedimento da execução de um processo de cassação de mandato, ou conviver com uma situação parecida.

No exemplo seguinte:

(9) Tentar *engessar* um idioma é o mesmo que condená-lo à morte¹¹.

Nessa ocorrência metafórica, também é possível verificar que são ativados mapeamentos de elementos entre dois espaços mentais que não são iguais:

- *1º espaço mental*: está relacionado ao impedimento da transformação, da mudança que o idioma pode sofrer;

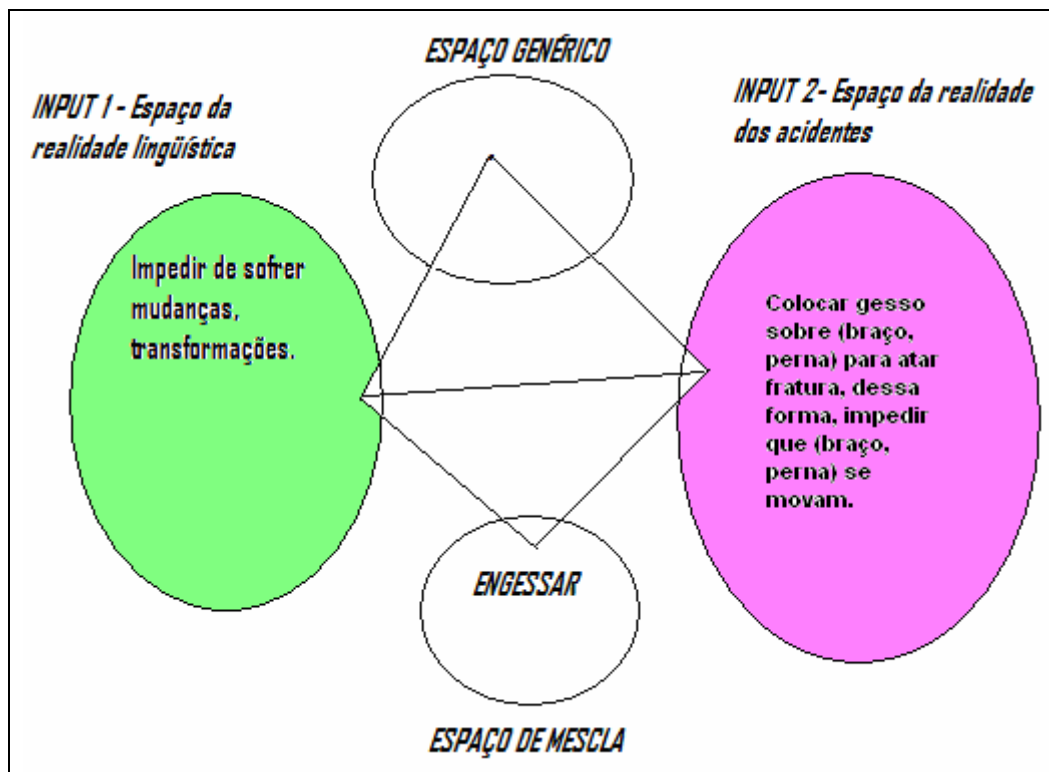
- *2º espaço mental*: reflete o ato de cobrir/colocar gesso sobre (braço, perna, etc) para atar fratura, impedindo que os membros engessados se movam.

⁹ (Cf. PALMER, Gary B. *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996).

¹⁰ Entincheiramento (*entrenchment*): “[...] fenômeno relativo ao sólido estabelecimento de construções na língua, que passam a não demandar esforço [...] para sua compreensão” (SOUZA, 2003, p. 3). Conferir mais sobre esse assunto no livro *Foundations of cognitive grammar* de Langacker (1987).

¹¹ Disponível em: <http://www.teclasap.com.br/boletim/ed_anteriores/infotainment262.shtml>. Acesso em: 3 jul. 2007.

Dessa forma, com base nas teorias adotadas, pode-se determinar a seguinte relação:



Quadro (5) – Representação da mesclagem conceitual do exemplo metafórico (9).

A informação geral referente ao conceito do *input* (1) e ao conceito do *input* (2), encontra-se no espaço genérico e encerra-se no espaço de mescla. A idéia geral pode ser a seguinte: um tipo de impedimento. Essa idéia está ligada tanto a *frames* como a esquemas cognitivos.

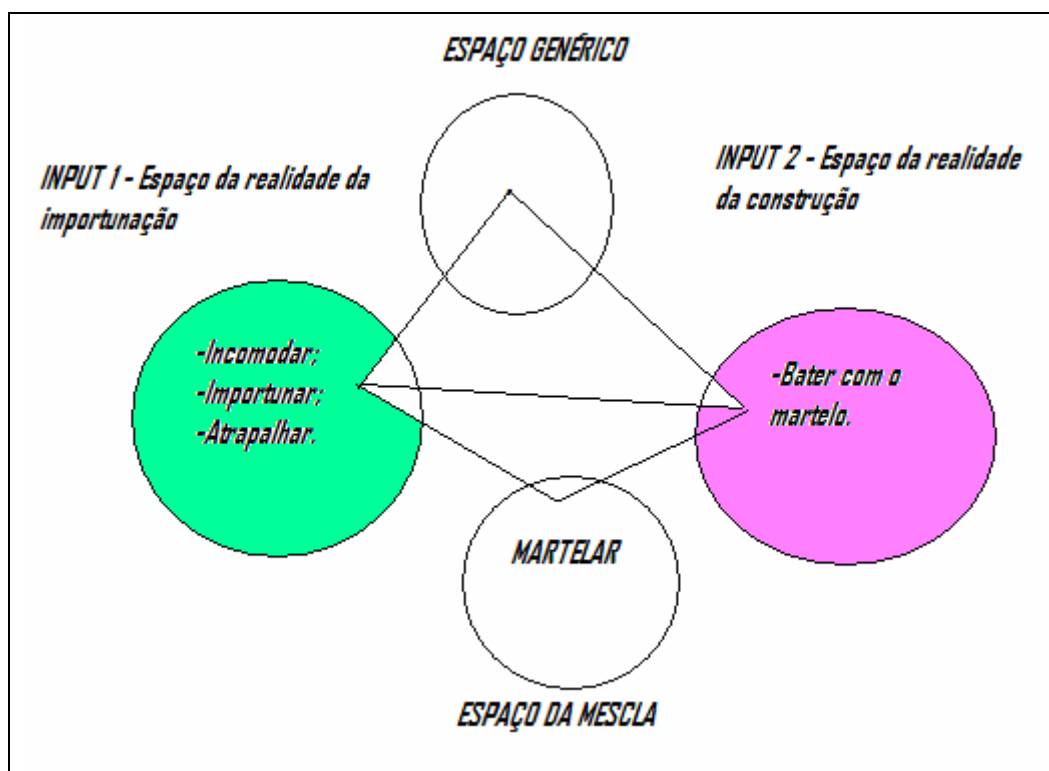
Como se notou na análise do exemplo (8), uma maneira através da qual se pode verificar se uma determinada expressão carrega um sentido metafórico ou um sentido literal é observar o grau de entrincheiramento que uma expressão apresenta em uma determinada situação discursiva.

No caso da sentença (9), “engessar” é uma expressão que pode ser dita metafórica se for levado em conta o domínio cognitivo do impedimento da mudança do idioma, pois nesse caso “engessar” não é uma expressão usada com freqüência nos *frames* que são acionados nesse domínio. Se for levado em conta o domínio cognitivo da realidade dos acidentes, “engessar” será depreendida no seu sentido literal, já que nesse caso evidenciará a realidade das pessoas que “experenciaram” um acidente, ou conviveram com situações ligadas a acidentes, ou tem conhecimento sobre fatos desse tipo.

O próximo exemplo,

(10) A maldita música **martelava** meus ouvidos¹²

também é um exemplo em que se pode perceber que são acionados mapeamentos de elementos entre dois espaços mentais diferentes: um está ligado à realidade da importunação e o outro à realidade da construção. Realizando uma análise do exemplo (10), pode-se determinar a seguinte relação analógica.



Quadro (6) – Representação da mesclagem conceitual do exemplo metafórico (10).

“Barulho sonoro importuno” é a idéia geral que faz referência tanto ao *input 1* quanto ao *input 2*, localiza-se no espaço genérico e no espaço de mescla, que apresentam informações de ambos os espaços. No caso dessa sentença, “martelar” é uma expressão que pode ser entendida como sendo metafórica ao se pensar no domínio do inoportuno, de uma situação incômoda. Isto é, “martelar” não é uma expressão corrente nos *frames* que são acionados nesse domínio cognitivo. Porém, essa mesma expressão terá sentido literal no domínio cognitivo da construção, já que é uma expressão freqüente e mais próxima da realidade dos pedreiros, por exemplo.

Como se percebeu, na interpretação de metáforas não tão correntes podem ser acionados tanto os sentidos literais quanto os metafóricos, os quais podem se

¹² Disponível em: <<http://www.nao-til.com.br/nao-54/glenda.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2008.

combinar. É importante verificar que o contexto influencia na interpretação e no acionamento dos conceitos. Como se pode notar o grau de entrincheiramento que determinada expressão tem em uma situação discursiva pode contribuir para determinar se dada expressão tem caráter metafórico ou não. Dessa forma, é possível concluir que ao se interpretar as sentenças metafóricas (8), (9) e (10) podem ser acionados e combinados conceitos de diferentes domínios cognitivos com caráter literal e metafórico, para que uma interpretação coerente possa ser alcançada, como visto na análise acima. Esse raciocínio analógico ocorre ao se interpretar essas metáforas, pelo fato delas não terem sofrido entrincheiramento, ou seja, não serem convenções lingüísticas estabelecidas nas práticas discursivas.

Em outras situações, o emprego habitual de dadas ocorrências metafóricas pode conduzi-las à literalização. Ou melhor, quando uma sentença metafórica é empregada freqüentemente em situações comunicativas, o seu sentido metafórico deixa de ser considerado metafórico e passa a ser entendido como literal.

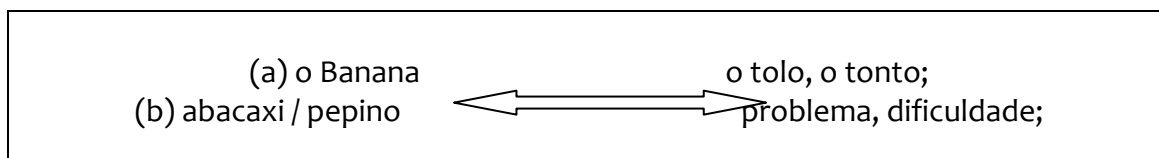
Por exemplo;

(11) Mendonça desafia Tarso, o “Banana”, para um debate sobre as privatizações¹³.

(12) Lula avisou o novo ministro que ele pegou um “pepino” para administrar¹⁴.

(13) Com a saída de Berzoini, o presidente em exercício do PT é Marco Aurélio Garcia. Ele também havia substituído o deputado na coordenação da campanha de Lula [...] ele usou a ironia para explicar com que espírito assume esse “abacaxi”¹⁵.

A expressão “o banana”, no exemplo (11), é interpretada metaforicamente como sendo uma pessoa tola, fraca, boba. As expressões “pepino”, em (12), e “abacaxi”, em (13), também podem ser interpretadas metaforicamente, ambas correspondem a problemas, empecilhos difíceis a serem resolvidos no universo social. O uso freqüente da analogia



Quadro (7) – Analogias - exemplos metafóricos (11), (12) e (13).

¹³ Disponível em: <[http:// veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2006/10/mendonca-defesa-tarso-obanana-para-um.html](http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2006/10/mendonca-defesa-tarso-obanana-para-um.html)>. Acesso em: 07 jan. 2009.

¹⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90366.shtml>>. Acesso em: 07 jan. 2009.

¹⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u84839.shtml>>. Acesso em: 07 jan. 2009.

faz com que sentenças metafóricas como os exemplos (11), (12) e (13) sejam entendidas como não metafóricas no próprio sistema conceptual acionado para a leitura desse tipo de sentenças. Isso deve acontecer porque ocorrências desse tipo são social e culturalmente convencionalizadas, e essas frases que devem ter sido compreendidas em algum momento da história como metafóricas, hoje perderam esse caráter sendo entendidas como literais.

Tal como já abordado anteriormente, a expressão “o Banana” na sentença (11) é uma expressão metafórica, podendo, sim, ser compreendida metaforicamente como: o tolo, o bobo ou ainda qualquer outra coisa que pertença a esse campo semântico. Pois, pode-se identificar um processo de metaforização, por causa da possibilidade de mapeamento de elementos entre dois domínios cognitivos distintos: um relacionado à tolice e o outro a alimento (especificamente, fruta). O mesmo ocorre com as sentenças (12) e (13). Porém, nesses casos, é possível perceber que essas sentenças são convenções lingüísticas estabelecidas social e culturalmente, isto é, são ocorrências metafóricas que sofreram entrincheiramento nas situações discursivas como ocorrências não mais metafóricas. Pois, ao serem interpretadas, parece que não seguem os mesmos passos analógicos, tal como, a combinação/mesclagem de conceitos de diferentes domínios cognitivos como aconteceu nas sentenças (8), (9) e (10). Por isso, ao serem interpretadas, é acionado, diretamente, o domínio cognitivo da tolice em (11) e o domínio dos problemas em (12) e em (13), sem ser preciso a mesclagem entre os dois domínios:

(a) [DOMÍNIO 1 (tolice) + DOMÍNIO 2 (alimento (fruta))], no caso de (11);

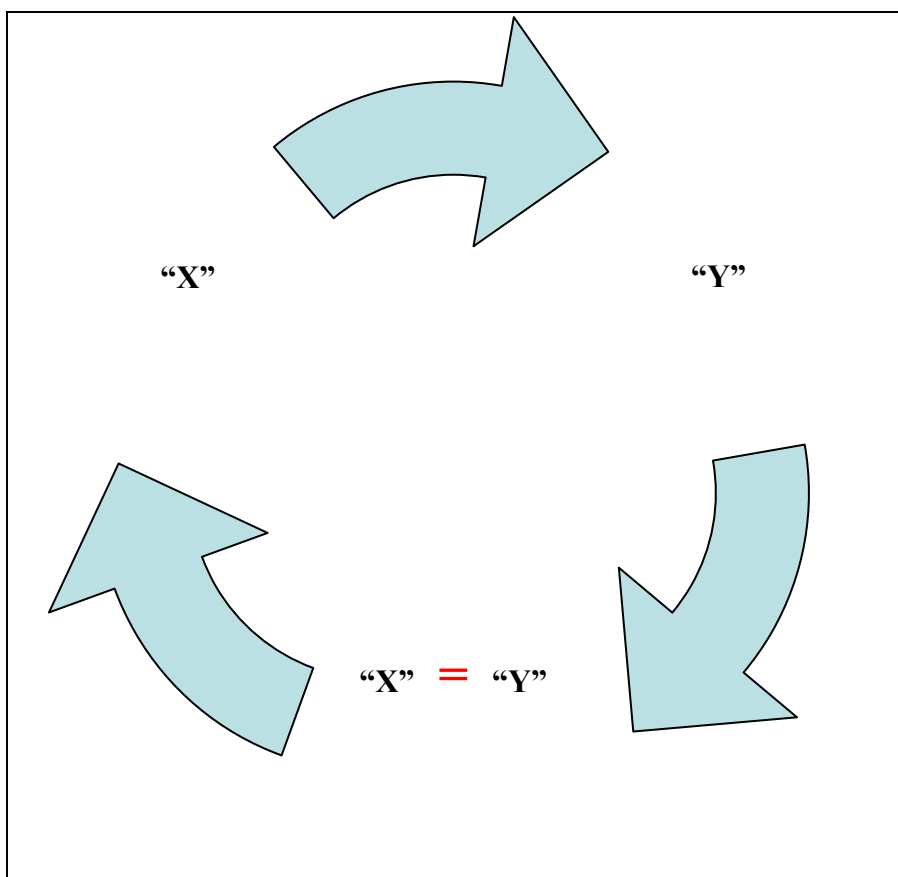
(b) [DOMÍNIO 1 (problemas/dificuldades) + DOMÍNIO 2 (alimento (fruta))], em (12) e (13).

Pois um interpretante desse tipo de sentença já está acostumado com as analogias: “o banana = o tolo” e “pepino/abacaxi = problema”, por isso esse tipo de situação pode conduzir certas ocorrências metafóricas à literalização. Nesses casos, podem-se ter as seguintes situações de interpretação:

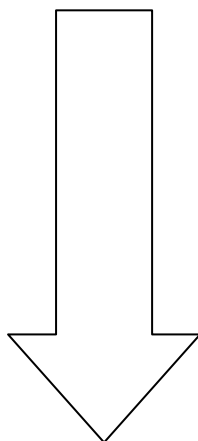
(a) Situação de interpretação do exemplo (11):

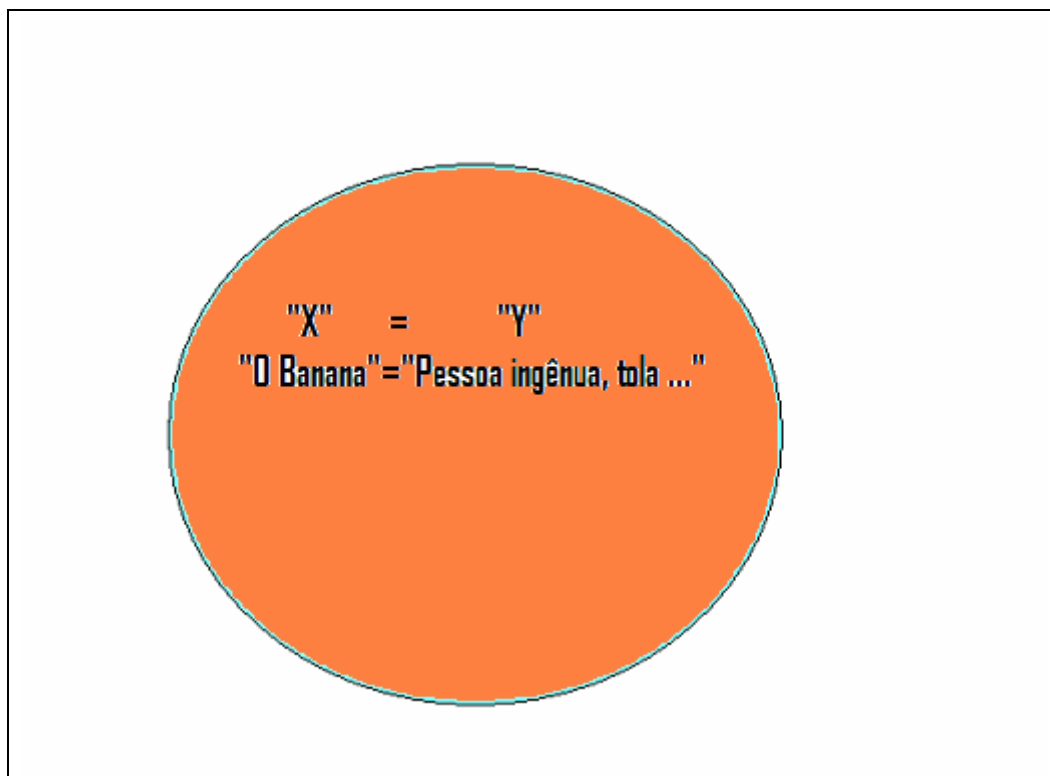
Dieysa Kanyela Fossile

TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM CONCEITUAL: CONCEPÇÕES DE LITERALIDADE E METAFORICIDADE¹



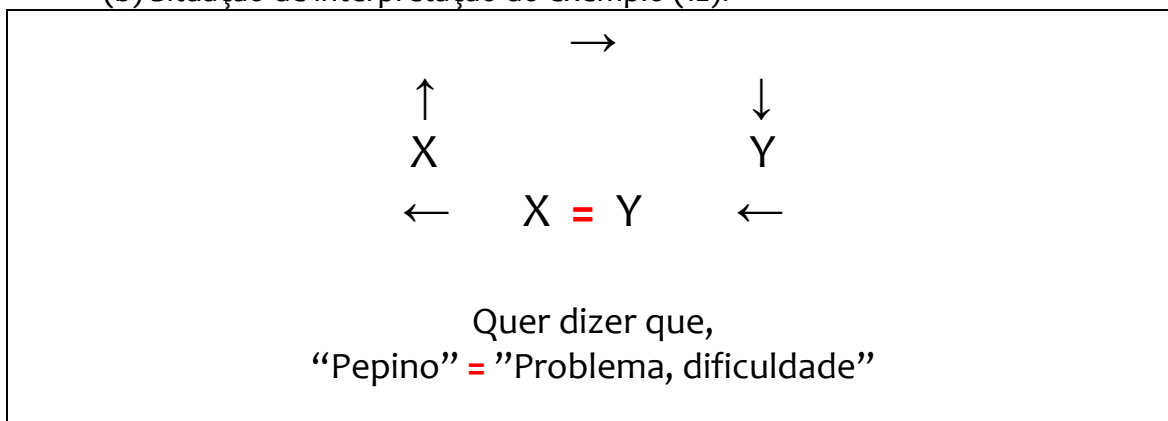
Quadro (8) – Situação de interpretação do exemplo metafórico (11).





Quadro (9) – Representação final da situação de interpretação do exemplo metafórico (11).

(b) Situação de interpretação do exemplo (12):



Quadro (10) – Representação final da situação de interpretação do exemplo metafórico (12).

interpretante está muito acostumado com determinadas analogias, uma metáfora pode perder sua força, digamos, sua persuasão metafórica e, simplesmente, ganha caráter literal. Em outras palavras: o metafórico passa a ser o literal. Dessa maneira, alcançaram-se as hipóteses de investigação e respondeu-se ao questionamento, respectivamente, apresentados na seção 3.1 e na introdução deste artigo.

Conclui-se, a partir da análise desenvolvida que a interpretação de uma metáfora usual ou não, em uma situação discursiva, deriva do pensar, do raciocinar. Ao se interpretar uma ocorrência metafórica são acionados e combinados conceitos de domínios cognitivos com caráter literal e metafórico, conforme se observou neste estudo. Porém, é importante que se perceba que é por meio da linguagem que se traduzem os conceitos que o pensamento aciona e combina durante a interpretação de uma metáfora. Sem a linguagem seria difícil representar um pensamento, uma interpretação ou mesmo um conceito ou conceitos. De acordo com Fauconnier (1994), são as palavras que carregam significados. Além disso, a nossa interpretação pode ser influenciada por vários fatores, como: os fatores sociais, culturais, históricos, emocionais que podem auxiliar na interpretação de uma ocorrência metafórica. Pois, de acordo com a análise desenvolvida, se uma expressão já está enraizada no nosso meio social, na nossa cultura, nas práticas comunicativas, não se ativa o sentido literal. Ou melhor, o metafórico transforma-se em literal, por causa das freqüentes e conhecidas analogias que são ativadas. Já para que se compreendam as expressões metafóricas não freqüentes no nosso meio social, na nossa cultura, nas práticas comunicativas, é preciso que sejam ativados, combinados, buscados conceitos com aspectos literais e metafóricos de vários domínios cognitivos distintos para que se possa alcançar uma interpretação plausível.

3.3 Resultados Alcançados Levam à Teoria do Alinhamento Estrutural (Gentner e Clement, 1988) e à Teoria da Referência Dual (Glucksberg, 2001)

Primeiramente, é preciso esclarecer que a Teoria do Alinhamento Estrutural (cf. Gentner e Clement, 1988) e a Teoria da Referência Dual (cf. Glucksberg, 2001) integram à vertente interacionista que, por sua vez, sustenta a interação entre o tópico e o veículo da metáfora, conforme apresentado na primeira seção deste artigo.

A Teoria do Alinhamento Estrutural defende que as metáforas exploram analogias estruturais entre os conceitos dos itens lexicais que ocupam a posição de tópico e de veículo numa sentença metafórica. A partir dessa teoria Gentner e Clement tentam mostrar que uma metáfora está relacionada à identificação de isomorfias entre conceitos próximos ou distantes na rede de conceitos em que se baseia a linguagem humana. Dessa maneira, conforme argumenta Moura (2007), o que mais se destaca nessa perspectiva de Gentner é que ela se apóia na estrutura

léxico-conceptual da linguagem, estabelecendo relações entre conceitos a partir dessa rede. No exemplo a seguir,

(14) Os professores são pais,

pode-se perceber que os conceitos “professores” e “pais” estão próximos na estrutura conceptual e, por isso, é possível recuperar com facilidade a relação que é comum aos dois conceitos. Por exemplo, observe o alinhamento de relações relativo à metáfora (14);

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ● Professores EDUCAM <i>alunos</i>. ● Pais EDUCAM <i>filhos</i>. |
|---|

Quadro (12) – Alinhamento de relações referente ao exemplo metafórico (14).

Ao se interpretar a sentença (14), busca-se uma similaridade entre as atividades dos *professores* e dos *pais*. Pela analogia apresentada no quadro (14), *alunos* correspondem a *filhos*. Como se pode observar, tanto as atividades desempenhadas pelos professores quanto pelos pais fazem parte da estrutura conceptual dessas palavras e são convencionalmente relacionadas a esses conceitos no plano da denotação. (A mesclagem entre conceitos, apresentada nas seções anteriores deste artigo ao se abordar a teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual, assemelha-se à relação analógica entre conceitos apresentada pela perspectiva do Alinhamento Estrutural).

A Teoria da Referência Dual de Glucksberg (2001) também apóia a idéia de que em várias sentenças metafóricas o sentido metafórico deriva do sentido denotativo. Observe no exemplo abaixo,

(15) Sermons are sleeping pills¹⁶. (GLUCKSBERG, 2001, p.38)

Com base nas argumentações de Moura (2007) sobre a Teoria da Referência Dual, propõe-se que no exemplo (15) *sleeping pills*¹⁷ faz referência ao sentido literal e ao sentido metafórico. Ou melhor, é possível notar que o sentido metafórico (classes das coisas soporíferas) origina diretamente do sentido literal (remédio que faz dormir), pois uma pílula para dormir é um bom exemplo de coisas que faz alguém dormir.

Logo, é possível concluir que não é só a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual, conforme visto nas seções anteriores, que sustentam que

¹⁶ Palestras são pílulas para dormir.

¹⁷ pílulas para dormir.

na interpretação de uma metáfora o sentido metafórico é influenciado pelo sentido literal, mas as Teorias do Alinhamento Estrutural e da Referência Dual também apontam para a mesma questão: *na interpretação de uma metáfora estão envolvidos aspectos literais e metafóricos*. Isto é, conceitos são combinados e relacionados por meio da analogia. Portanto, a partir da aplicação da Teoria da Mesclagem Conceitual, percebeu-se que essa teoria tenta abordar a mesma idéia adotada pelas teorias: Alinhamento Estrutural e Referência Dual. Dessa forma, concluiu-se que a interpretação de uma sentença metafórica é influenciada por sentidos literais e metafóricos, ou melhor, o sentido literal influencia o metafórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentou-se a análise de ocorrências metafóricas usuais e não tão usuais em certas situações comunicativas. No início, algumas questões precisavam ser tratadas para que se pudesse levar adiante o estudo:

(a) abordar que a metáfora, dependendo da teoria e do autor, pode ser classificada como um processo que envolve apenas aspectos de literalidade, ou apenas aspectos de metaforicidade, ou ambos os aspectos;

(b) buscar uma teoria através da qual fosse possível mostrar que ao se interpretar uma expressão metafórica podem ser acionados conceitos de domínios cognitivos com caráter mais literal, ou mais metafórico, ou os dois ao mesmo tempo, os quais podem se combinar. Nesse caso, optou-se pela Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual.

Subseqüentemente, percorreu-se um caminho que partiu de um ponto amplo e geral sobre questões relacionadas à metáfora para que pudessem ser delimitadas as questões principais que seriam úteis e necessárias à pesquisa. É o caso da seção 2, em que se buscou uma explicação à metáfora quanto ao envolvimento de aspectos literais e/ou aspectos metafóricos numa interpretação. Então, trouxeram-se à tona versões como a de Gibbs, Lakoff e Johnson da Teoria Cognitivista, de Black e de Moura da Teoria Interacionista, e de Davidson, que é mais voltado à Teoria Pragmaticista.

Tanto os autores do cognitivismo quanto os do interacionismo são a favor da idéia de que ao se interpretar uma sentença metafórica são ativados sentidos metafóricos. A forma de interpretação das duas visões é diferente, mas ambas são a favor da metaforicidade. Já Davidson a rejeita completamente, defendendo a literalidade. Dessa maneira, pensando tanto nos aspectos literais quanto nos metafóricos, nessa mesma seção, com base nos estudos e abordagens de Souza (2003) e de Salomão (2005) sobre da Teoria dos Espaços Mentais (cf. Fauconnier, 1994) e da Mesclagem Conceitual (cf. Fauconnier e Turner, 1994), seguiu-se com a apresentação dessas perspectivas teóricas. Optou-se por essas teorias pelo fato de oferecerem uma possibilidade para que se pudesse mostrar que ao se interpretar

metáforas podem ser ativados conceitos de domínios cognitivos que podem envolver aspectos mais voltados ora ao literal, ora ao metafórico, ora a ambos os aspectos: literal e metafórico.

Na seção 3, apresentou-se uma proposta metodológica: analisar metáforas a partir da perspectiva dos espaços mentais e da mesclagem conceitual.

Na seção 4, analisaram-se e descreveram-se, detalhadamente, exemplos metafóricos sob a perspectiva das teorias adotadas neste artigo. Em relação aos aspectos literais e metafóricos, por meio da pesquisa desenvolvida, alcançou-se um dado fundamental neste artigo, isto é, verificou-se que ao se interpretar uma ocorrência metafórica não freqüente em uma situação comunicativa, são ativados conceitos de domínios cognitivos com caráter literal e metafórico, os quais podem se combinar. E essa combinação pode auxiliar no acionamento de uma interpretação coerente. Já as ocorrências metafóricas bem usuais numa comunicação, ao serem interpretadas são ativados elementos de domínios cognitivos com caráter metafórico, mas esses elementos já não são mais compreendidos como metafóricos, são entendidos como literais. Chegou-se a essa conclusão ao longo deste trabalho, pois se observou que analogias recorrentes contribuem para isso, ou seja, o uso freqüente de expressões metafóricas as conduz à literalização (SOUZA, 2003).

E, por fim, concluiu-se, a partir dos resultados alcançados que a proposta defendida pela Teoria dos Espaços Mentais e pela Teoria da Mesclagem Conceitual é também defendida pela Teoria do Alinhamento Estrutural e pela Teoria da Referência Dual. Isto é, essas teorias sustentam algo comum:

- há uma correspondência / mesclagem / relação / combinação analógica entre conceitos, podendo o sentido literal influenciar o sentido metafórico na interpretação de uma metáfora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLACK, M. *Models and metaphor*. Ithaca: Cornell University Press, 1962.
- _____. Como as metáforas funcionam: uma resposta a D. Davidson. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ, 1992.
- _____. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.): *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- DAVIDSON, D. O que as metáforas significam. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ, 1992.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____ & TURNER, Mark. *Conceptual projection and middle spaces*. Report 9401. San Diego: university of California, April 1994.

FELLBAUM, C. Examining the constraints on the benefactive alternation by using the world wide *web* as a corpus. In: REIS, M.; KEPSEK, S. (Eds). *Evidence in linguistics: empirical, theoretical and computational perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

GENTNER, D. & CLEMENT, C. Evidence for relational selectivity in the interpretation of analogy and metaphor. In G. H. Bower (Ed.). *The psychology of learning and motivation* (vol. 22). New York: Academic Press, 1988.

GIBBS, R. W. *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 208 – 212, 1994.

GLUCKSBERG, S. *Understanding figurative language: from metaphors to idioms*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GRICE, H. P. *Studies in the way of words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

KITTAY, E. F. *Metaphor: its cognitive force and linguistic structure*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

_____; _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: Educ, 2002.

LEEZENBERG, M. *Contexts of metaphor*. Amsterdam, Elsevier, 2001.

MOURA, H. M. M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 10, p. 153-161, 2002.

_____. Metáfora: das palavras aos conceitos. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 139, p. 51-69, 2005.

_____. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em discurso*, Tubarão, v. 7, n. 3, 2007.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: BENTES, Anna Christina; KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

Dieysa Kanyela Fossile

TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM CONCEITUAL: CONCEPÇÕES DE LITERALIDADE E METAFORICIDADE¹

SEARLE, J. R. Metaphor. In: Ortony, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge/London: Cambridge University Press, p. 83 – 111, 1993.

SOUZA, H. P. de. Metáfora X Não-metáfora: alguns aspectos sobre a fronteira entre o sentido literal e figurado na linguagem. *Cadernos de estudos lingüísticos*, nº 45. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, p. 99-106, jul.-dez./2003.

MENTAL SPACES AND APPRAISABLE MIXING THEORY: CONCEPTIONS OF LITERALITY AND METAPHORICITY

ABSTRACT: This article intends to present the metaphorical analyses from the theory of Mental Spaces (cf. Fauconnier, 1994) and from the Appraisable Mixing Theory (cf. Fauconnier and Turner, 1994), trying to offer a possibility to the comprehension of aspects that is about the literality and metaphoricity. The results of the research demonstrate that when it is interpreted a metaphorical expression not common in communicative situations it is started concepts of cognitive domain with a literal and metaphorical character; those which can be mixed. Although the metaphorical occurrences too common in communicative situations, those socially and culturally conventionalized, are not understood as metaphorical, but as not metaphorical, since the frequent analogies contribute for the occurrence of this fact. The results reached suggest that the proposal supported by the Mental Spaces and Appraisable Mixing Theory is also adopted by Structural Alignment Theory (cf. Getner and Clement 1988), and by the Dual Reference (cf. Glucksberg, 2001).

Keywords: Interpretation. Literality. Metaphoricity.

Recebido em 30 de julho de 2009; aprovado em 24 de agosto de 2009.